



UNILAB

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-

BRASILEIRA – UNILAB

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

LUANA MIKAELLY LIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS OBRAS LITERÁRIAS DE ANA
MIRANDA: ANÁLISE DOS ROMANCES “DIAS E DIAS”, “BOCA DO INFERNO” E
“DESMUNDO”.**

ACARAPE-CE

2018

LUANA MIKAELLY LIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS OBRAS LITERÁRIAS DE ANA
MIRANDA: ANÁLISE DOS ROMANCES “DIAS E DIAS”, “BOCA DO INFERNO” E
“DESMUNDO”.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira como exigência parcial
para a obtenção do título de Bacharela
em Humanidades.

Acarape, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profra. Dra. Monalisa Valente (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profra. Dra. Luana Antunes Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-ILL)

Prof. Dr. Fernando Afonso Ferreira Júnior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-IH)

Dados de Catalogação na Publicação

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Biblioteca da UNILAB

Dedico este trabalho ao meu namorado John Weyne, por todo o seu apoio antes e durante a minha formação. Por ter sido a pessoa que mais me incentivou a crescer e por sempre me mostrar que sou capaz de conseguir conquistar meus sonhos se eu me dedicar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha avó materna, pois foi ela que sempre acreditou em mim, ela era a que me defendia de tudo e de todos, ela era e ainda é, sem dúvidas, a pessoa que mais amei/amo na vida.

Agradeço a minha mãe, por ter sido tão guerreira na criação de três filhos. Uma mulher que nunca abaixou a cabeça pra ninguém, que sempre mostrou a força quem tem e sempre batalhando para dar do bom e do melhor aos outros. Alguém altruísta, que por mais que não tenha noção científica da causa, foi a mulher mais feminista que já conheci.

Agradeço a minha tia/avó que me proporcionou poder ter como estudar sem me preocupar com algumas questões e por sempre ter meu nome em suas orações.

Agradeço ao meu namorado, se não fosse por ele, não estaria onde estou hoje. Sempre esteve ao meu lado escutando minhas reclamações e me ajudando nos projetos que tinha em mente.

Agradeço a minha orientadora, por toda a paciência, que não foi pouca, toda a preocupação e motivação durante o processo de escrita deste projeto de pesquisa.

Agradeço a todos os meus professores (as) desde a educação básica até o ensino superior, pois cada um deles contribuiu para a minha vida acadêmica.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram e tiveram paciência de me escutar e reclamar de forma direta e indireta na construção desse projeto.

RESUMO

A escritora cearense Ana Miranda apresenta em boa parte de suas obras uma tessitura narrativa que, embora a autonomia dos elementos ficcionais se evidencie sobremaneira, percebe-se uma preocupação com o registro histórico-sociológico. Este processo escritural permite entender o diálogo constante com uma literatura vocacionada às articulações com elementos externos, de outras áreas. Nesta perspectiva, busca-se neste projeto o entendimento da construção que Ana Miranda faz de suas personagens “Oribela” da obra “Desmundo”, “Feliciano” da obra “Dias e Dias” e “Maria Berco” da obra “Boca do Inferno”. Além de analisarmos cada personagem sob a perspectiva da sua inserção social, sem desconsiderar a estrutura de sua escrita, também poderemos traçar determinadas hipóteses para entender escolhas por personagens baseados em literatos reais como motivação ficcional em duas daquelas obras. Pretende-se realizar uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa através da análise dos romances de Ana Miranda e sua visão das personagens com base no estudo de gênero através das contribuições intertextuais. Diante disto, pretende-se observar as abordagens políticas e de crítica social mediante o caráter traçado no movimento das personagens femininas nas obras escolhidas.

Palavras-chave: Ana Miranda. Personagens Femininas. “Desmundo”. “Boca do Inferno”. “Dias e Dias”.

ABSTRACT

The Ceará writer Ana Miranda presents in a good part of her works a narrative tessitura that, although the autonomy of the fictional elements is evident, a concern with the historical-sociological record is perceived. This scriptural process allows us to understand the constant dialogue with a literature aimed at articulating with external elements from other areas. From this perspective, we seek in this project the understanding of Ana Miranda's construction of her characters "Oribela" from the work "Desmundo" "Feliciano" of the work "Dias e Dias" and "Maria Berco" of the work "Boca do Inferno". In addition to analyzing each character from the perspective of their social insertion, without disregarding the structure of their writing, we can also draw certain hypotheses to understand choices by characters based on real literary fiction as fictional motivation in two of those books. Pretend to perform a bibliographical research with a qualitative approach through the analysis of Ana Miranda's novels and her view of the characters based on the study of gender through intertextual contributions. In view of this, it is intended to observe the political and social criticism approaches through the character traced in the movement of the female characters in the chosen works.

Keywords: Ana Miranda. FemaleCharacters. "Desmundo." "Dias e Dias". "Boca do inferno".

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
2. JUSTIFICATIVA.....	12
3. OBJETIVOS.....	17
3.1 Objetivo Geral.....	17
3.2 Objetivos Específicos.....	17
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
4.1 Ana Miranda.....	18
4.2 Gênero.....	19
4.3 Romances.....	23
5. PROCESSO METODOLÓGICO.....	26
5.1 Tipo de Método.....	26
5.2 Delimitação do Universo e Amostra.....	26
5.3 Técnicas.....	26
5.4 Procedimentos de Análise de Dados.....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7. BIBLIOGRAFIA.....	29

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa pretende executar uma análise da construção das personagens femininas nas obras literárias de Ana Miranda, mais especificamente em “Dias e Dias”, “Desmundo” e “Boca do inferno”. A referida escritora, além de criar personagens femininas com comportamentos e posturas contrárias ao seu tempo, faz aproveitamento de influências literárias usadas de uma forma intertextual em seus livros, um exemplo seria o modo como a figura de -“Gonçalves Dias”- – um poeta real – é introduzido no romance “Dias e Dias” como um dos personagens principais, além de ter suas poesias usadas ao decorrer do romance.

Ana Miranda enquadra-se em uma tendência da literatura contemporânea que cria biografias ficcionais de escritores ou artistas. Nesse sentido, o presente projeto integra um comentário das obras de Miranda na linha diretriz no gênero metaficcional historiográfico e uma leitura interpretativa das personagens de “Dias e Dias”, “Desmundo” e “Boca do Inferno”, foco deste estudo. Para tanto, são pensadas questões relativas à literatura e sua relação com a história. Logo, apresenta-se uma visão de conjunto das narrativas de Ana Miranda que tematizam a história da literatura brasileira, aprofundando-se nos conceitos de ficção e metaficção historiográfica.

O estudo tem por objetivo, portanto, analisar o tratamento dado aos elementos constitutivos da construção feminina que Ana Miranda traz nos romances “Desmundo”, “Dias e Dias” e “Boca do Inferno”, evidenciando que, por intermédio das narradoras “Oribela”, “Feliciano” e da coadjuvante “Maria de Berco”, a autora promove um diálogo entre diferentes culturas, gêneros, etnias e gerações ao mesmo tempo em que estabelece um profícuo diálogo com o passado e cruzamentos entre o discurso ficcional e os discursos narrativos que o cercam, sobretudo o histórico e o biográfico.

Para a escritora Ana Miranda, o ato de escrever é uma militância, sobretudo quando liberta das limitações impostas pelo mercado. É um ato político falar sobre determinados temas, sob determinadas formas artísticas, tendo a língua portuguesa como uma expressiva ferramenta e sem que a literatura se transforme em um instrumento de doutrinação. Em entrevista ao site “blog das letrinhas” Ana Miranda forneceu uma entrevista¹ sobre os seus paradigmas em torno de temas como militância e o fazer literário.

Escrever é uma militância, escrever honestamente, sem ser para o mercado, mas para si mesmo, para os seres humanos. Mas acho bacana esse movimento político que envolve o mundo literário,

¹ A entrevista pode ser encontrada no site:
<http://www.blogdালেtrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Ana-Miranda-os-limites-entre-militancia-e-literatura>

desde que não torne a literatura um instrumento de doutrinação. Ela já é um fenômeno político, naturalmente, estou sendo política quando decido, por exemplo, escrever romances históricos, e quando escrevo sobre o comportamento humano, e quando trabalho com a língua portuguesa como matéria de arte. (MIRANDA, 2017)

A escritora, além do itinerário reconhecido pela prosa, também enveredou, no início da carreira, pelo campo da poesia. A literatura de Ana Miranda, diga-se de passagem, perturba. Neste gênero já se percebe o prenúncio de escolhas vocabulários diferentes, percebidas depois, como em “Boca do Inferno”, onde a autora utiliza a linguagem arcaica, em desuso, tal como em “Desmundo”. Usando esta obra como exemplo, existe uma passagem no primeiro capítulo, intitulado “A Chegada”, em que Ana Miranda escreve:

(...) Na *Senhora Inês*, de velha rotas, muitas avarias, lançados os ferros a canalha de marinheiros não esperou, tirou seus barretes e ao chão no convés os perros gritaram desatinados, uns muito para rir, outros em doidas lágrimas, com as mãos para o céu louvaram a Deus chegar vivos, que não esperavam, em naus, mulheres são mau agouro, em oceanos, fêmeas são baús cheios de pedras muitos grandes e pesados, sem serventia nem a ratos a não ser turbar as vistas, nausear as tripas, alevantar as mãos em súplicas e trombetear por causa alguma, só pelo prazer, feito os demos. (MIRANDA, p.14, 1996)

O diálogo entre os textos, no processo de intertextualidade narrativa, permite um ato de releitura e reatualização da obra de dentro do processo da tradução literária, tal como nos indica Antônio Cândido, na Introdução de sua obra “Formação da Literatura Brasileira”. Para Paulo Freire, (1988, p.14), “A leitura sempre está voltada para a percepção crítica, interpretação e “reescrita” do lido”. Assim, podemos dizer que ler nos possibilita produzir uma nova escrita, em um processo de “escrever” e “reescrever”. Podemos inserir, deste modo, Ana Miranda no rol de escritores que fazem aproveitamento de motivos e estruturas literárias do passado, tal como em “Boca do Inferno”, livro esse que repercutiu durante toda sua carreira por se utilizar de um famoso autor como protagonista de seu romance fictício, reinventando o modo de escrever suas obras. Sejam eles apenas citados ou utilizados por outros personagens no decorrer da narração ou até mesmo virando personagens principais, como é no caso de Gregório de Matos, autor esse que escreveu a primeira versão de “Boca do Inferno”.

Neste projeto abordaremos de forma não só literária, como também usaremos questões sociais, exemplo disso é a utilização do gênero, do feminismo e da garra que essas personagens nos trazem em comum. O segundo capítulo destaca o gênero, trazendo, de forma breve, um conteúdo histórico como o sufrágio

e a luta feminista. Além, claro, do racismo e sexualização do corpo de “Maria Berco”, personagem negra e sofrida do livro “Boca do Inferno”.

Por mais que as obras escritas por Ana Miranda passem em séculos diferentes, distantes um dos outros e sejam romances ficcionais, podemos trazer problematizações ainda existentes nos dias atuais. Com a narração de “Oribela” em “Desmundo”, percebe-se nuances históricas do século XVI e ainda assim encontramos semelhanças do que acontece com mulheres em todo o mundo em pleno século XXI. “Oribela” assim como diversas mulheres, é vítima de uma violência doméstica que não morreu que está presente conosco todos os dias, em diversas partes. Mas “Oribela” vivia no século XVI, onde a violência era normalizada e até incentivada por terceiros, onde o estupro era algo banalizado. No entanto, no decorrer da história temos a grande surpresa de que “Oribela” não é apenas mais uma órfã que veio casar e reproduzir filhos legítimos. Vê-se a transformação de uma personagem aparentemente opaca e dentro dos padrões sociais para uma que não aceita de bom grado o que é imposto às mulheres.

A metodologia é de cunho qualitativo e trabalha com a pesquisa narrativa bibliográfica, com o objetivo de familiarizar o pesquisador com o objeto em que está sendo investigado durante a pesquisa com o levantamento de dados bibliográficos.

Problematizar a construção hierarquizada do gênero motivou a escolha deste tema. Contudo, o estudo por meio da literatura e da análise de personagens femininas tão distintas, mas similares ao mesmo tempo, cujas temáticas transpassam séculos e nos faz viajar do real ao imaginário com histórias a qual nos identificamos, fez com que as obras de Ana Miranda fossem escolhidas como campo de pesquisa. Para o estudo, elegemos com linha teórica os estudos de Mary Del Priore sobre a condição da mulher no Brasil colônia.

O intuito é que através desse projeto de pesquisa possa desconstruir estigmas em torno de romances além de visões deturpadas e promover reflexão a todos aqueles que tiverem a oportunidade de ler o trabalho aqui escrito, fazendo também com que o leitor entre em contato com a história contada de cada personagem para que compreenda a complexidade dos sistemas opressivos. Em seguida, a visibilidade aos contextos das mulheres reais transfiguradas no tônus ficcional e que possa ajudar na descoberta de novas experiências com autores regionais e do sexo feminino tão pouco valorizado pela academia.

2. JUSTIFICATIVA

Ana Miranda é uma autora cearense que tem um estilo literário único que está presente em suas obras, inclusive se utiliza de cenários do sertão cearense, que foi onde nasceu. Ela dialoga com uma linguagem tradicional e arcaica e acaba reinventando seus romances. Obras cheias de traços feministas, com utilização de dados da história-colônia e da psicanálise. Suas histórias prendem a atenção do leitor do começo ao fim. A referida escritora insere-se na historiografia literária no rol dos produtores do novo romance brasileiro, além das crônicas e ensaios publicados em revistas e jornais. Autora ainda em atividade, lançando romances e concorrendo a prêmios.

Neste contexto, o tema que deve dar corpo para este trabalho é A representação da mulher em obras literárias de Ana Miranda: análise dos romances “Boca do Inferno”, “Desmundo” e “Dias e Dias”.

São três histórias que não possuem continuidade ou similaridade narrativa, “Boca do Inferno” nos leva ao século XVII, é uma obra que transita entre a realidade e a ficção brasileira e nos traz personagens transfiguradas em figuras históricas, tais como -“Gregório de Matos”- e -“Padre Antônio Vieira”-. Porém, existem três personagens coadjuvantes no decorrer da história que chamam atenção. Essas personagens são três mulheres de diferentes etnias e status social. Primeiro temos a “Bernadina Ravasco”, filha única de um fidalgo, viúva, frágil de saúde e perfeita para casar. Depois temos a “Maria Berco”, personagem coadjuvante. “Maria Berco” era uma mulher negra, serviçal da família “Ravasco”, desejada por todos os homens simplesmente pela cor de sua pele, chega a ser estuprada pelo personagem “Gregório de Matos”. Temos ainda a “Anica” de Melo, uma jovem e considerada muito bonita que representa as mulheres da vida. Mulheres essas que eram usadas por homens casados, pelo clero e odiadas pelas consideradas “de bem”, que tinham o sonho de um dia casar e ter filhos, porém, isso seria visto como um pecado pela igreja e nunca aconteceria. “Desmundo”, uma obra que foi adaptada para o cinema, nos leva para o século XVI e conta a história das órfãs que são enviadas para o Brasil, para enfim poderem casar com os portugueses que aqui viviam e, assim, manterem a linhagem pura.

A justificativa do envio daquelas mulheres órfãs era que os homens portugueses estavam vivendo do pecado, fazendo filhos em índias e escravas, até casando com as mesmas e isso seria pecado visto pela igreja católica. Sendo assim, chegam ao Brasil as órfãs e no meio delas estava “Oribela”, uma jovem que costuma ter visões noturnas, ímpetos de partir e muito medo da paixão que habita a sua alma. Ao casar-se com um português, obrigada pelo padre que controlava os casamentos para não permitir a mistura de raças, ela se torna cada vez menos dona

de seu próprio corpo e alma. Mas suas constantes tentativas de fuga transforma a história de “Oribela”, mesmo com tantos sofrimentos, em uma história de luta. E por fim, temos “Dias e Dias”, que tem como narradora a retratada como a apaixonada “Feliciano”, um romance ambientado na lida oitocentista, recheado de uma idealização e sonhos da personagem. Passado no século XIX, nos leva ao interior do Ceará e nos mostra através da presença de “Gonçalves Dias” revela-se o amor platônico de “Feliciano” por um poeta que vive a viajar pelo mundo. Ana Miranda se utiliza bastante da intertextualidade nessa obra, a personagem narradora se vê apaixonada durante todo o decorrer do livro por meio de cartas e poemas de seu amado que consegue por meio de uma amiga. “Feliciano” é uma moça sonhadora e até mesmo narcisista, porém, muito determinada quando se trata de seu amor não correspondido. “Feliciano” chega a fugir de casa para encontrar seu amado, mas de nada adianta. Prometida a casar com um professor, “Feliciano” faz de tudo para o casamento não acontecer. Um romance trágico e que mostra um país tentando sair das artimanhas do imperialismo. Além de abordar a biografia de “Gonçalves Dias”, Ana Miranda envolve a obra do poeta ao permitir que os versos e sua temática lírica romântica ecoem pelo romance.

Nesse aspecto, a problematização surge em meio a observância de aspectos avant-gard de muitas personagens femininas que permeiam nas obras de Ana Miranda e que podem ser vislumbradas nos desdobramentos das condições da mulher real. Por isso é pretendido nessa pesquisa, estudar a representação da mulher nas personagens femininas nos romances literários de Ana Miranda, analisando as obras “Boca do Inferno”, “Dias e Dias” e “Desmundo”. O foco da pesquisa será feito em base nas personagens femininas das obras de Ana Miranda, e na representação dessas personagens em que a autora faz no decorrer desses livros, com observância dos aspectos histórico-sociológicos que ambientam as narrativas, revelando os desdobramentos dos discursos de tentativas cerceadoras que ainda permanecem na sociedade brasileira.

A escolha de se pesquisar Ana Miranda, veio primeiro do conhecimento de suas obras e de como foi observado como a autora constrói as suas personagens e faz com que o leitor viva as sensações e as experiências em que essas figuras femininas passam durante todo o trajeto de cada livro. Ana Miranda tem o poder de nos transportar para cada cenário contado em suas histórias, seja na Bahia do século XVI, seja Ceará no século XIX. A autora nos traz também nomes da literatura brasileira, seja com “Gregório de Matos” e “Gonçalves Dias”. Ela consegue com que esses senhores sejam introduzidos nas suas histórias de um modo em que elementos biográficos e artísticos dos intelectuais citados entrelacem-se com os elementos ficcionais.

As obras de Ana Miranda têm um cunho feminista. Em suas três obras em que iremos analisar, temos diferentes personagens femininas de diferentes personalidades, mas que encontramos semelhanças a partir do caráter do machismo e do patriarcalismo presentes criticamente em seus livros. São épocas coloniais e pós-coloniais, mas que mantêm o preceito da igreja católica como símbolo de sabedoria eterna. A igreja é bastante utilizada nas suas obras, e o mais importante, ela é colocada como um objeto falho e mostra toda a sua influência negativa em cima das mulheres na sociedade, influências que perduram até os dias de hoje. Mary Del Priore faz uma menção sobre o poder que a igreja católica exercia sob as pessoas na época colonial:

A todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade. São Paulo, na *Epístola aos Efésios*, não deixa dúvidas quanto a isso: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos”. De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada. (Del Priore, p,46, 1997)

A oportunidade de poder realizar um estudo sobre uma escritora, cearense, cuja literatura apresenta elementos cruciais para elementos de autorreferenciação, com a presença de personagens que, mesmo cercadas pelos padrões sociais, subvertem a lógica da sociedade por meio de estratégias várias, justifica a pertinência acadêmica e literária da realização deste projeto. A obra da escritora ainda precisa de estudos de vultos, principalmente nas interlocuções com os estudos em relação de gênero, pois não é tão difundido por alguns profissionais academicistas, portanto, acredito que o presente trabalho possa enriquecer ainda mais o mundo acadêmico e que preencher lacunas nos escritos de mulheres que inscrevem em suas obras a relevância de personagens que transitam por um universo equiparado ao real.

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. (LARROSA, 2011, p. 23).

A sociedade atual segundo Larrosa (2011) é muito dinâmica e acelerada, por isso acaba aprisionando os indivíduos a uma dura rotina de trabalho e

conhecimento, porém por conta dessa falta de tempo os indivíduos não conseguem aproveitar as experiências que surgem a sua volta, pois estão sempre na correria da modernidade. Para o autor a experiência precisa ser adquirida com calma, ou seja, é necessário parar e olhar, parar e ouvir, parar e sentir, parar e amar, parar e se apaixonar (2011, p.25). Além do mais, com esse projeto de pesquisa vou poder trabalhar experiências educativas através da literatura. Com certeza a pesquisa trará contribuições para minha formação, tendo em vista que pretendo realizar uma segunda graduação, cursar uma Licenciatura em Letras/Português.

Pensando assim, o âmbito acadêmico só tem a ganhar com a atual pesquisa. O aprofundamento na área das Humanidades ajuda a perceber que as temáticas abordadas nas obras de Ana Miranda podem contribuir para o estudo das ciências humanas e sociais, pois um dos objetivos de se estudar Humanidades é o de que pessoas possam se descobrir e depois começar a estudar os outros, ou seja, através da leitura e do conhecimento transpassado por Ana Miranda, podemos entender mais sobre as questões impostas por ela em suas obras através de suas personagens tão bem delineadas. Para o Curso de Bacharelado em Humanidades a pesquisa seria uma forma inovadora de se estudar o ser humano, por meio de personagens de uma obra literária e isso provaria que as obras de Ana Miranda podem ultrapassar os limites da literatura, pois, as suas obras têm características marcantes da psicologia, psicanálise, filosofia, entre outros. Significativo na proposta do curso, pois tem traços da interdisciplinaridade. Portanto, as obras de Ana Miranda quando são lidas com precisão, desprendimento, imaginação, inconsciência e pode nos levar a uma reflexão aprofundada sobre nossa vida.

Diante disso, percebe-se que a pesquisa tem uma relevância simbólica para minha vida pessoal, meu curso e para a sociedade em geral. Fazendo da literatura de Ana Miranda uma necessária experiência educativa para se construir uma leitura transformadora de mim mesma como mulher e no entendimento da condição de ser inserida em uma sociedade cujos desdobramentos de discursos que inviabilizam o trânsito da mesma necessitam de lutas constantes.

Espero, através desse projeto de pesquisa, que a escola, a universidade e a sociedade possam ressignificar seus conceitos acerca da literatura, e, com isso, quebrar as barreiras da influência europeia na rede de ensino, portanto, um ensino no qual os conteúdos são perpassados de forma descontextualizada. Por exemplo, nas escolas o ensino da literatura está focado nas estéticas literárias, tais como o: Quinhentismo, Arcadismo, Romantismo etc., Isso impede que a literatura seja realmente lida e aprofundada, visto que muitos educadores levam para sala de aula apenas trechos de romances, poemas, contos, e, na maioria das vezes, não estimulam os estudantes a lerem o que está sendo trabalhado por completo.

Assim sendo, essa pesquisa pretende contribuir para o público juvenil entre 16 a 18 anos, especificamente os estudantes de ensino médio, pois são pessoas que estão em uma fase da vida que envolve mudanças físicas, psicológicas e sociais. São inúmeras dúvidas que surgem durante essa época, é um período que muitos jovens ainda não se conhecem e, muitos deles, enfrentam vários conflitos externos e internos. Tudo isso leva às novas emoções, percepções e reflexões. Esses jovens, possivelmente, são os mais atingidos com essa leitura, que pode guiá-los nessa fase tão problemática que é adolescência.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

a) Analisar como o feminismo e as injunções políticas se manifesta nas obras de literatura de Ana Miranda que retratem os séculos XVI, XVII e XIX, em especial mediante estudo das personagens Feliciano, Oribela e Maria Berco.

3.2 Objetivos específicos

- a) Examinar como poetas brasileiros do passado influenciaram significativamente na produção literária de Ana Miranda.

- b) Analisar as influências literárias - pessoais e políticas - na construção do feminino em algumas obras de Ana Miranda.

- c) Observar possíveis relações autobiográficas como marca simbólica na escrita de Ana Miranda.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 Ana Miranda

Ana Miranda teve sua primeira obra publicada em 1978, cujo nome era “Anjos e Demônios”, um livro apenas de poesias. Em 1989 Ana finalmente lança a obra “Boca do Inferno” e assim fez a sua coroação literária. Em uma entrevista² Ana Miranda falou que foi através de um sonho que “esbarrou” com “Gregório de Matos”, e foi a partir desse sonho que Ana Miranda decidiu aprofundar-se na leitura das obras de “Gregório de Matos” e assim nasceu “Boca do Inferno”.

Podemos destacar também os aspectos biográficos que serviram de mote para romance de Ana Miranda, Dias e Dias, o poeta “Antônio Gonçalves dias”. É com esses e outros autores que a autora consagra o seu jeito na literatura brasileira. Assim, Ana Miranda entra no rol do novo retrato do romance brasileiro como foi citado abaixo.

A escritora cearense Ana Miranda, integrando essa nova literatura, a bem da verdade escrevendo o *novo romance* brasileiro, na década de 1980, utilizando técnicas inerentes a este momento da Arte e da Literatura pode e deve ser considerada uma autora *pós-modernista*, seja por um aspecto cronológico, seja pelas técnicas utilizadas em seus textos. (VICENTE, 2017, p.113).

Ana Miranda se utiliza de diversas técnicas para escrever os seus livros, algumas, por exemplo, são encontradas em “Boca do Inferno”, como a intertextualidade. Em “Dias e Dias” também podemos encontrá-la e algumas outras mais. Outro ponto a ser destacado na literatura de Ana Miranda é o modo intrigante como a autora faz um tipo de “colagem” de textos de autores e sobre eles nas páginas de seus romances. Isso faz com que encontremos poemas ou excertos de poemas de “Augusto dos Anjos”, “Gregório de Matos” e de Gonçalves Dias. O recurso da metalinguagem é uma constante nas obras de Ana Miranda, tanto no sentido da feitura do texto quanto no trato da língua falada à época das personagens apresentadas. Esse fato pode ser bem colocado na citação abaixo

Há casos em que a escritura do texto é particularizada no momento em que temos períodos inteiros nos quais as vírgulas parecem ser os únicos sinais de pontuação, bem ao estilo de José Saramago, bem como de expressões bastante comuns na sociedade as épocas dando maior verossimilhança a narrativa. A autora recorre também a estilos já consagrados como as hipérboles e os paradoxos do Barroco, como se observa em Desmundo e, logicamente, em Boca do Inferno. (VICENTE, 2017, p. 127).

Como já vimos, Ana Miranda tem as suas peculiaridades na hora de escrever suas obras e criar suas personagens. Em alguns de seus textos podemos encontrar algumas dessas características como, por exemplo: o senso historiográfico, o biografismo, a intertextualidade, a colagem e a crítica feminista. O

² A entrevista pode ser encontrada no site: <https://www.youtube.com/watch?v=cpHFO30Mbe8>

senso historiográfico de Ana Miranda não é novidade. A autora faz um recorte detalhado, sem parecer enfadonho, da história do Brasil daquela época. Nisso, o tempo de seus romances configuram-se como cronológicos demarcados inteligentes por eventos, personagens históricos ou até mesmo logradouros famosos.

A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios (literatura, história e teoria), ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metafísico historiográfica) passa a ser base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (...) ela sempre atua dentro das convenções a fim de subvertê-las. Ela não é apenas metaficcional; nem é apenas mais uma versão do romance histórico ou do romance não-ficcional (HUTCHEON, 1991, p.21).

O biografismo de romances como “Boca do Inferno” e “Dias e Dias” é diferente, pois a autora desvenda não só o “biografado”, mas as circunstâncias que o fizeram ser quem são. Os textos de Ana Miranda também trazem em seu bojo, intencionalmente, assuntos extraliterários como jornalismo, história, ciência, geografia, sociologia, antropologia etc. ao que se pode chamar de transversalidade em literatura.

Ana Miranda nos mostra que o seu “biografado” não é uma personagem elevada, não constitui herói clássico comum aos grandes textos épicos. É gente comum, gente simples que se faz na sua prática poética de artista ainda mais marginal.

4.2 Gênero

Vivemos em uma sociedade onde é notável as desigualdades sofridas por mulheres em relação aos homens desde o princípio da história. É nesse sentido que uma análise de gênero se faz tão indispensável para que se perceba como essa categoria ligada à literatura se torna ainda mais complexa. Os fatores precisam ser estudados em conjunto para que se tenha uma visão que permita enxergar as mais diversas formas de opressão que permeiam as trajetórias de vida de mulheres. O sufragismo³ se constitui como o primeiro movimento em que as mulheres reivindicavam seus direitos em relação à política, estabelecendo a primeira onda

³ A primeira onda feminista se deu entre o século XIX e chegando ao final do XX no Reino Unido e nos Estados Unidos, reivindicando direitos em relação a casamentos contra a vontade das mulheres e a plena “posse” que seus maridos tinham sobre suas vidas. O voto passou a ser pauta significativa no final do século XX. A segunda onda lutava por questões já pensadas na primeira, que davam ênfase a exploração sexual, as questões relacionadas ao trabalho e a indignação com a ditadura militar. Essa onda ocorreu do começo da década de 60 até o final da década de 80, da primeira para a segunda, houve um processo de continuação de lutas. Com a abertura da década de 90, vem a terceira onda feminista, que se caracteriza por um olhar crítico perante as outras duas. A terceira onda critica o fato de a primeira e a segunda darem ênfase as opressões vividas por mulheres brancas de classe média, e é partindo dessa perspectiva que as ativistas negras reivindicam o direito de participação no movimento. É discutido também o que as outras ondas estipulam como benéfico para as mulheres. Essa onda mostra o quanto é imprescindível um olhar para a ligação de fatores como constituintes de opressão, notou-se o quanto era preciso compreender as diversas realidades de diferentes mulheres.

feminista. As mulheres se posicionavam e lutavam para assegurarem o direito de votar, inconformadas com a situação de exclusão ao qual viviam (MATUELLA, 2017). Após essa, duas outras ondas do feminismo se formaram, sempre buscando direitos e igualdade para as mulheres, porém na terceira onda, as temáticas foram se aprimorando e incluindo fatores antes despercebidos pelas anteriores.

Quanto ao assunto que envolve masculino e feminino, Monte (2013) elucida que são definidos por um conjunto de direitos e deveres (principalmente deveres) que se aplicam a homens e mulheres na esfera social. Esse conjunto de normas fomenta o entendimento da sociedade para a distinção dos sexos, proporcionando uma compreensão do que seria certo para um e para o outro.

Souza *et al.*, (2016) relata a questão das agressões físicas praticadas pelo sexo masculino em relação ao feminino. A violência, nesse sentido, parte de construções sociais referentes ao gênero, que concebe a mulher como um ser sem autonomia, incapaz de falar por si, nula. Essas visões sobre a mulher podem acarretar a violência doméstica que é um dos coeficientes que ocasionam a ida para as ruas, assim como “Oribela” fez ao tentar fugir diversas vezes de seu marido.

A mulher passou a tomar ciência de que devia lutar por seus direitos devido a questão da violência sexual que é bastante comum de forma geral, mas mais presente na vida de mulheres jovens e pobres (MATUELLA, 2017). As mulheres podem ser tão constantemente violentadas que acabam por se acostumarem com o sofrimento psicológico, dando a ele menor relevância comparada ao físico, sem se atentarem que, por vezes, a agressão verbal acaba por machucá-las ainda mais, criando nessas mulheres um sentimento de que são inferiores.

Em determinadas ocasiões as mulheres em situação de violência doméstica usam o sexo como forma de sobrevivência e proteção. A condição de ser casada, por vezes, as faz dizer sim, mesmo que o desejo destas seja contrário. Porém, na maioria das vezes essas mulheres são mesmo violentadas por serem consideradas “fáceis”. Essa violência pode acarretar muitas consequências, uma delas é a gravidez. É lamentável visto que nesse caso elas precisam ser amparadas de modo ainda mais emergente devido aos cuidados que uma gestação necessita.

É indiscutível que seja fornecido a mulher gestante um pré-natal e que durante uma gravidez a mulher passa por diversas situações complicadas.

Fragilidade emocional, alterações físicas, dificuldades de dormir, enfim, todos esses fatores vivenciados por uma gestante que passe por violência doméstica se tornam ainda mais dificultosos e trazem sério risco aos bebês que não se sabe nem se nascerão ou se nascerão com saúde. Logo as mães não são assistenciadas como teriam de ser (COSTA et al.,2015).

Percebe-se então o quanto a análise do gênero voltada para as mulheres em situação de violência física e/ou psicológica envolve diversos fatores e situações geradores de opressão. É nesse sentido que se faz extremamente oportuna uma abordagem que dê conta dessas intersecções e que consiga explicar a problemática de modo diverso, abrangendo a complexidade de cada forma de sujeição. Crenshaw (2002) afirma que:

A garantia de que todas as mulheres sejam beneficiadas pela ampliação da proteção dos direitos humanos baseados no gênero exige que se dê atenção às várias formas pelas quais o gênero intersecta-se com uma gama de outras identidades e ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres. (CRENSHAW, 2002, p. 174)

A literatura lida justamente com essa visão ampliada para os problemas sociais e atentando-se para a particularidade de cada forma de opressão.

Gênero, racismo e tantos outros problemas sociais citados no decorrer das obras demandam um olhar crítico devido a amplitude de vivências que envolvem as trajetórias das personagens. É de suma importância expender como a literatura de Ana Miranda trabalha e é necessária de análises mais profunda, ao invés de só falarem se é um romance histórico ou se é um romance moderno.

A mulher, praticamente, é "usada" para resolver problemas de cunho político que derivam do Estado. Quando as políticas públicas desfavorecem outras camadas da sociedade, a mulher pobre é vista como primeira opção para o trabalho de cuidar, diferentemente do que ocorre com mulheres de outras posições sociais que possuem a marcação de gênero, mas o fator de classe as isenta de tais atividades (CRENSHAW, 2002). Como é o caso de Maria Berco, uma mulher negra, empregada doméstica que é presa injustamente. Além de sofrer diariamente com a sexualização de seu corpo. Apesar da obra se passar em um século distante do qual vivemos, ainda existem inúmeros casos comprovados que pouca coisa mudou desde então e a realidade não é muito diferente da ficção.

Brah (2006) revela que em virtude da atenção dada a desigualdade presente entre homens e mulheres e por esta se colocar e ser apreendida como central nas relações de poder que envolvem os sexos, a raça e a classe acabam sendo postas de lado. A diferença ganha um sentido negativo nesse tipo de concepção, onde uma classificação ganha mais significância que outra, desconsiderando, assim, os mais diversos tipos de racismos (PISCITELLI, 2008). A discriminação sofrida pelas mulheres pode ir além do conceito de gênero apenas, outros fatores que demarcam sua identidade social podem influir em como a discriminação acontece e com que intensidade.

O fato de ser mulher se une ao fator da situação de ser considerada uma classe "inferior", o que as torna alvo de um tipo de opressão ainda maior, podendo,

ainda, surgirem outros fatores em decorrência da pobreza, como gravidez, doenças, uso de drogas e a violência. (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004; COSTA et al., 2015; SOUZA, et al., 2016). A marginalização ganha um terreno bem mais amplo para se desenvolver. As mulheres, por estarem no âmbito da pobreza, podem sofrer abusos e tais abusos serem justificados pelo contexto em que estão inseridas. Como esclarece Crenshaw (2002):

As justificativas para políticas que comprometem os direitos reprodutivos de mulheres pobres e de minorias tais como a esterilização, o controle força da natalidade e a imposição de punições econômicas e outros desestímulos à gravidez, são, muitas vezes, baseadas em imagens preexistentes de mulheres pobres ou étnicas como sendo sexualmente indisciplinadas. Isso poderia ser enquadrado como discriminação interseccional, já que os aspectos subordinação nessas imagens derivam, simultaneamente, de estereótipos de gênero preexistentes que apontam diferenças entre mulheres, baseados em percepções da conduta sexual e, também, de estereótipos raciais e étnicos, os quais caracterizam alguns grupos como sexualmente indisciplinados. Conseqüentemente, as mulheres que estão na intersecção desses estereótipos tornam-se especialmente vulneráveis a medidas punitivas, baseadas em como suas identidades são percebidas pelos outros. (CRENSHAW, 2002, p. 179).

Crenshaw (2002) e Piscitelli (2008) fazem entender o quanto é necessário romper com os padrões e interpretações existentes sobre as discriminações que envolvem os diversos fatores de opressão. É de extrema importância uma análise que dê conta da ligação de duas ou mais formas de subordinação, fazendo com que se formule uma abordagem capaz de percorrer os mais diversos eixos da opressão, ocasionada não somente pelo gênero ou pela pobreza como referente a classe, mas na interação e com participação efetiva de ambos os fatores.

A proposta de Brah (2006, p. 331) “de uma macro-análise que estude as inter-relações das várias formas de diferenciação social” deveria ser percebida como inegável na investigação de categorias sociais. Aliando essa percepção a “política de fazer outras perguntas” que Crenshaw (2002) propõe seria possível assimilar quais categorias estão atuando num processo de estigmatização, preconceito e discriminação, e descortinariam, muitas vezes, o real motivo destas problemáticas estarem acontecendo e contribuiriam para uma compreensão mais fiel e verídica.

Constata-se, portanto, que é fundamental pesquisar e se usar da crítica literária para com mulheres que são personagens tão estigmatizadas e vistas como previsíveis procurando articular gênero e romance literário. Desse modo, a análise se constituirá mais crítica e compreenderá de forma mais ampla as multífaces da promoção de preconceitos e discriminações em relação a mulher em qualquer tipo de situação que esteja sofrendo. Buscando entender que fatores como classe, raça e gênero não somente fomentam os desempoderamentos, mas que podem também

serem vistos como promotores de lutas e resistências (BERNARDINO-COSTA, 2015).

4.3 Romances

Cada romance retratado no presente projeto tem sua característica específica, são essas distinções que nos mostra como Ana Miranda consegue transitar entre épocas e formatos literários diferentes. Miranda pensa cada detalhe de seus romances, do desenho da capa, que é feito por ela, ao significado dos títulos. “Dias e Dias” não tem esse nome somente por causa da influência e do personagem de “Gonçalves Dias”. Podemos associar também, por conta da narração do romance. “Dias e Dias” tem como cenário principal o interior do Ceará pós-colonial e conta os dias em que a personagem narradora “Feliciano” mantém o seu amor platônico vivo. São os dias e dias de sua vida a espera que um dia seu amor seja retribuído de forma recíproca. O romance retrata o século XIX e ainda traz como destaque a revolta da Balaiada, ocorrida em Caxias, além de abordar curiosidades e dados biográficos que traçam o perfil de Gonçalves Dias. A obra combina história e ficção para contar uma história sobre o amor, os costumes provincianos no interior do Brasil durante esta época, a descoberta da cultura indígena, a beleza da poesia e os mistérios da sensibilidade. Na obra, os fatos são apresentados em *flashbacks*. A narrativa inicia-se em 03 de novembro de 1864 e ao final do livro nos deparamos com a mesma data, o que sinaliza para os anacronismos, ou seja, as constantes idas e vindas no tempo da narração. Sob o ponto de vista desta narradora em primeira pessoa do singular é recordada e relatada não apenas sua vida, como também a vida do objeto de seu amor “Gonçalves Dias”. Isto faz com que “Dias e Dias” não seja apenas um romance histórico, mas uma magnífica biografia romanceada, feita nos moldes da ficção. Um romance envolvente que é organizado semelhante um diário e a partir de sucessivos processos de rememoração de “Feliciano”.

Porém, estes personagens históricos não são protagonistas simplesmente por ser, servindo apenas como parte do cenário ou pano de fundo. Quem protagoniza a narrativa são os homens comuns e, por ser mulher, a narradora “Feliciano” representa mais do que apenas uma pessoa comum. O fato de as ações serem protagonizadas por seres ficcionais faz com que a ficção fique muito à frente de um mero enfoque histórico. A proposta de “Dias e Dias” diz respeito à leitura que o romance fornece da história, ou seja, abordar o momento brasileiro em que há a representação da mulher e do homem do século XIX que, via de regra, o recurso histórico não registrava. Miranda aborda, então, esses elementos que as

enciclopédias históricas não abarcam. O olhar de “Feliciano” é dirigido para o cotidiano, isto é, para a história da condição feminina.

“Boca do Inferno” é o primeiro romance de Ana Miranda e foi publicado em 1989. Na Bahia, em plena efervescência mercantilista do século XVII, Ana Miranda restaura os cacos de um país popularmente tido como pacífico, substituindo essa mentira calcificada por uma de caráter ficcional, mais em sintonia com a verdade histórica. O assassinato do alcaide-mor é mero pretexto fabular para dividir em dua a sociedade baiana de então: perseguidores e perseguidos.

O assassinato do alcaide-mor emerge como desencadeador de uma perseguição que será empreendida pelos ocupantes do poder estabelecido aos supostos culpados, tendo como contraponto os atos, os ditos e os escritos do padre “Antônio Vieira” e de “Gregório de Matos”, o “Boca do Inferno”. Pouco a pouco, o pulsar da vida nessa cidade colonial brasileira nos será revelado. Como nos confidencia no início da narrativa “Gregório de Matos”, nessa cidade, “antigamente, havia muito respeito. Hoje, até dentro da praça, nas barbas da infantaria, nas bochechas dos granachas, na frente da forca, fazem assaltos à vista” (Miranda, pág. 13, 1998). Ao tentar proteger a filha “Bernardina Ravasco”, “Gregório de Matos” conhece “Maria Berco”, que será presa ao saber que ela possuía a mão e o anel do Alcaide (o anel será penhorado). São confiscados de “Bernardo Ravasco” documentos escritos e os poemas de “Gregório de Matos”. “Rocha Pita” é nomeado desembargador para investigar a morte do “Alcaide”. “Palma”, também desembargador, nega a vingança planejada pelo governador e por falta de provas, exige a soltura dos envolvidos, mas, para soltar “Maria Berco”, “Gregório de Matos” teria que pagar uma fiança de 600 mil réis. “Maria Berco” ficará rica, mas deformada, rejeita pedidos de casamento à espera do poeta “Gregório”, que se casa com uma negra viúva, “Maria de Povos”, mas não se afasta da vida de devassidão pelos bordéis da cidade. No meio tempo de todos esses acontecimentos, “Maria Berco” acaba virando amante de “Gregório de Matos”, vendo nele, um escape de sua realidade de serviçal, mas acaba sendo iludida e até estuprada pelo personagem de “Matos”. “Boca do Inferno” leva esse título justamente por conta de um dos seus principais personagens, “Gregório de Matos”, ele que escreveu o primeiro livro com este mesmo nome. Livro este que satirizava de forma crítica os costumes e grupos sociais da época na sociedade baiana. O próprio “Gregório de Matos” ficou conhecido como “O boca do inferno”.

“Desmundo” nos traz a chegada de um grupo de órfãs ao Brasil, enviadas pela rainha de Portugal para desposarem os primeiros colonizadores. Entre elas

vem “Oribela”, uma jovem sensível e religiosa. Contra sua vontade, ela se casa com “Francisco de Albuquerque”, que a leva para seu engenho de açúcar. Apesar de rude, “Francisco” trata “Oribela” respeitosamente: quer que ela seja a senhora da casa, mãe de seus filhos brancos. Contudo, na fazenda moram a mãe e uma jovem irmã de “Francisco”, num estranho e incestuoso núcleo familiar. Certo dia, aproveitando a passagem de “Ximeno”, um comerciante vendedor de escravos, “Oribela” foge. Quer pegar um navio e voltar a Portugal. Nesta primeira tentativa, é estuprada pelos marinheiros que deveriam levá-la ao navio. Furioso, o marido a prende acorrentada num galpão. Sozinha e ferida, a jovem esposa se deprime, passa os dias chorando. A índia que lhe leva comida é quem, pouco a pouco, ajuda-a na sua recuperação. Mas “Oribela” é obstinada em tentar uma volta impossível para o velho mundo.

Através da narrativa de “Oribela”, o leitor ingressa em formas de ação e de pensamento da época, deparando-se com aspectos tais como existência feminina, religiosidade, nova terra, amor e sexualidade. Por meio do relato da personagem fictícia, torna-se possível pensar no que ela possui de comum com outros indivíduos que viveram no século XVI, que, por sua vez, herdaram sua forma de ver o mundo a partir de estruturas mentais construídas culturalmente. O romance de Ana Miranda, enquanto situação especial de comunicação, se oferece a uma leitura no horizonte da história das mentalidades e aproveita para utilizar as informações que lhe pode oferecer este tipo de história.

Mais uma vez o intertexto com a história se faz presente em “Desmundo” e, no discurso de “Oribela”, ouvem-se as vozes que surgem também quando se consultam livros sobre a história das mulheres na sociedade colonial, sociedade esta que procurava, conforme Mary Del Priori, domesticar a mulher no seio da família, privando-a de qualquer poder ou saber ameaçador e regulando seus corpos e suas almas. O modelo de feminilidade correspondia à castidade, ao sacrifício e à sociedade. Era necessária a purificação da mulher, desde as origens um agente de Satã, e esta purificação, de forma mais urgente, era necessária numa terra como a nossa, onde reinava o Diabo. O uso que fazia da sexualidade era considerado ameaçador, por colocar em perigo o projeto da Igreja e do Estado, segundo o qual o corpo feminino deveria estar a serviço da sociedade patriarcal e do projeto de colonização. Esta normatização se dava através de dois mecanismos poderosos: o discurso normativo da Igreja e o discurso médico. Em “Desmundo”, os ecos do discurso religioso se fazem ouvir, por diversas vezes, na voz da própria personagem narradora, que permite as vozes de seu pai, da “Velha”, de “Francisco de Albuquerque”, de membros da Igreja, a revelarem qual deveria ser o papel feminino.

O título do romance, uma palavra não-dicionarizada, “Desmundo”, uma vez que parece faltar o termo exato para expressar o significado da nova terra para “Oribela”, que vê seu destino como “desrumo”, outro termo inexistente na língua oficial. Vale lembrar, ainda, que, ao se referir à nova terra, a personagem narradora utiliza palavras, dicionarizadas ou não, que são iniciadas pelo prefixo de negação “des”. Ana Miranda brinca com um jogo de palavras no título desta obra.

5. PROCESSO METODOLÓGICO

5.1 Tipos de Método

Esse projeto fará uso da pesquisa qualitativa, que trabalha com uma abordagem que capta comportamentos, emoções, expressões culturais, movimentos sociais e análise crítica de obras literárias de Ana Miranda a partir da construção de suas personagens femininas. Trata-se de um tipo de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, ou seja, este tipo de método estuda suas particularidades. O uso deste tipo de método procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências. Desse modo, não se usam dados estatísticos para quantificá-la, a grande diferença se vê posta no fato de que a análise é impreterivelmente indutiva. Os dados não significam números, mas uma interpretação que ajudará a fomentar o aparato teórico. (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa logo, nos oferece uma visão ampliada do mundo social, enriquecendo o olhar de quem a decide usar (STRAUSS; CORBIN, 2008).

O método de abordagem vai se basear nas leituras das obras literárias de Ana Miranda e também as obras teóricas que versem sobre relações de gênero, intertextualidade, Brasil Colônia e crítica literária

5.2 Delimitação do universo e amostra

O objetivo do presente estudo é o de analisar as personagens nas obras de Ana Miranda e entender como o feminismo e as injunções políticas se manifestam na sua literatura junto com as suas influências de autores antigos e reais que são usados como personagens em seus romances.

5.3 Técnicas

As técnicas utilizadas serão a análise bibliográfica que Ana Miranda utiliza em suas obras, e como acontece a transição de pessoa real para um personagem ficcional dentro de seus interesses literários.

Além de analisar criticamente os conceitos sociológicos utilizados por Miranda para descrever suas personagens femininas que tanto sofrem, até mesmo sem perceber o que aquilo significa. Trazer para o cenário social atual utilizando-se de passagens dos livros para ter uma ideia de que a leitura crítica com base em romances pode nos trazer mais do que apenas dramas e sentimentos românticos que estamos acostumados a analisar.

Perceber como a escrita de Ana Miranda, que se utiliza de técnicas como a intertextualidade, pode interferir no decorrer de suas obras e como isso afeta a sua escrevedura e o seu processo de construção dos romances “Dias e Dias”, “Boca do Inferno” e “Desmundo”.

5.4 Procedimentos de análise de dados

Para atingir o objetivo estabelecido para o presente estudo, o seguinte procedimento de análise de dados será utilizado:

- Pesquisa bibliográfica: será realizada uma vasta revisão da literatura, que direta e indiretamente, trata dos assuntos pertinentes ao presente estudo, como a mulher na história da colônia, o matrimônio como forma de adestramento, a submissão da mulher delimitada pela igreja, a condição da mulher na sociedade brasileira no século XVII; as injunções entre tradição literária e contemporaneidade no trato literário de Ana Miranda e o novo romance brasileiro, a representação do espaço cearense nas crônicas de Ana Miranda, sexualidade feminina na colônia, problemas sociais vivenciados nas três obras analisadas e as influências de autores, como Gregório de Matos, sendo utilizados como personagens fictícios em seus romances. Nesse processo de revisão bibliográfica, pôde-se notar que essa pesquisa terá um teor muito abrangente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões presente neste projeto de pesquisa, pretende-se que a leitura de uma autora como Ana Miranda seja mais valorizada por toda a sua carga bibliográfica e toda a sua história como escritora. Com tudo isso, analisar de uma forma em que futuramente possa ser usada até mesmo em salas de aula, além de dar ênfase para importância de se ter autores cearenses fora do âmbito universitário, espera-se que pesquisas como essa chame a atenção de adolescentes e que eles demonstrem interesse pela leitura regional, trazendo para o contexto social atual, discutindo também assuntos pertinentes como gênero na literatura e violência contra a mulher.

Ana Miranda não é apenas uma romancista, mas que também é um ser político, ao qual faz em suas personagens representações de mulheres selvagens, românticas, narcisistas, fortes, guerreiras e que são apenas mulheres, diferentes umas das outras, mas que trazem similaridades dentro do seu contexto vivido. Sendo assim, deseja-se que com este estudo a valorização de interpretações com base em romances se torne diferenciadas. Por mais que sejam histórias que diferem séculos, personagens, ficção e entre outras diversas singularidades, ainda há como fazermos relação com o real, sendo assim almeja-se que pessoas tenham a oportunidade de interpretar individualmente sua visão sobre os aspectos do projeto.

7. REFERÊNCIAS

- BARROSO, Kelly e DINIZ, Fernanda. **Ana Miranda entre Histórias e Ficções: Estudos Críticos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editoras, 2017.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil**. Sociedade e Estado, [s.l.], v.30, n.1, p.147-163, 2015.
- BLOG DA LETRINHAS
<<http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Ana-Miranda-os-limites-entre-militancia-e-literatura>> Acesso em 27 de agosto de 2018.
- BRAH, Avtar. **Diferença, Diversidade, Diferenciação**. Cadernos Pagu, [s.l.], v.26, p. 329-376, janeiro-junho de 2006.
- CÂNDIDO, ANTÔNIO. **Formação da Literatura Brasileira**, vol I. Rio de Janeiro, 1999.
- COSTA, S. L. da; VIDA, C. P. da C.; GAMA, I. A.; LOCATELLI, N. T.; KARAM, B. J.; PING, C. T.; MASSARI, M. G.; PAULIA, T. B.; BERNARDES, A. F. M. **Gestantes em situação de rua no município de Santos, SP: Reflexões e desafios para as políticas públicas**. Saúde Soc. São Paulo, [s.l.], v.24, n.3, p.1089-1102, 2015.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, Anual, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- ENTREVISTA com Ana Miranda
<<https://www.youtube.com/watch?v=cpHFO30Mbe8>> Acesso em 18 de setembro de 2018.
- FREIRE, PAULO. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22eds. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: A literatura de segunda mão**. Tradução Luciene Guimarães et al. Belo Horizonte: Ed. Viva Voz, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz, Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LARROSA, J.B. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: experiência e sentindo.
- MATUELLA, Iazana. **Conflitos armados e a agenda internacional: a questão da mulher**. Revista Estudos Feministas, [s.l.], v.25, n.3, p.1277-1295, 2017.
- MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- MIRANDA, Ana. **Boca do inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MIRANDA, Ana. **Dias e Dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MONTE, Izadora Xavier do. **O Debate e os Debates**: abordagens feministas para as relações internacionais. Revista Estudos Feministas, v.21, n.1, p. 59-80, 2013.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, Teoria e Crítica. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, [s.l.], v.11, n.2, p.263-274, 2008.
- SOUZA, M. R. R. de; OLIVEIRA, J. F. de; CHAGAS, M. C. G.; CARVALHO, E. S. de S. **Gênero, violência e viver na rua**: vivências de mulheres que fazem uso problemático de drogas. Revista Gaúcha de Enfermagem, [s.l.], v.37, n.3, p.1-9, 2016.
- VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.